



CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 61000003

Ilmo Sr. Dr. Carlos Woreira
Museu do Índio
Rio de Janeiro

São Leopoldo, 4 de junho, 1976

Prezado Dr. Carlos:

Já agora tivemos a oportunidade de, de cabeça fria, avaliar, arontar relatórios, planejar metas de ação e coisas afins. Isto tudo foi feito sob um fundo de esperança, mesmo que contrário às expectativas e possibilidades dos índios brasileiros. Nisto tudo cabe ao senhor, sem dúvida, uma boa parcela de tudo que foi feito. Gostaria de enfatizar o nosso agradecimento, sendo também portador das manifestações do grupo.

Estou aproveitando para enviar anexo o relatório, o endereço dos participantes e as duas cartas enviadas ao presidente Geisel. As decisões, nos fins dos trabalhos, ficaram que o relatório deveria ser tornado público, mas as cartas seriam privadas, de distribuição exclusiva aos participantes do encontro.

Recebemos e agradecemos o envio dos boletins do Museu. Oportunamente enviaremos nossa contribuição para a permuta. Também reafirmamos o desejo de continuar a receber o material por lá publicado. Nosso arquivo está em pleno andamento.

Gostaríamos de saber mais informações sobre os cursos de antropologia promovidos pelo Museu, possibilidades de participação, data, duração, etc. Alguns de nós mostram grande interesse, quem sabe poderemos continuar também assim os nossos contatos.

Espero que possamos continuar os nossos contatos, afinal temos interesses que nos unem - e não são poucos.

Sinceramente,

Relação de nomes e endereços do IIº Encontro de Guarita - 1º/2 de maio/76

Heinrich Güttinger	C.P.94-98500 Tenente Portela-RS	Missão
Vitor Westhelle	C.P.14-93000 S.Leopoldo-RS	Fac.Teol.
José Odelso Schneider	C.P.275- S.Leopoldo-RS	Unisinos
Selia Ferreira	C.P.94- Ten.Portela-RS	Monitora
Marli Tereza Woll	Luis Afonso,347-P.Alegre-RS(CEUPA)	Trad.Interp.
M ^a de Fátima N.Dantas	Luis Afonso,347-P.Alegre-RS(CEUPA)	UFRGS-Plást.
Darci Luis Pivetta	C.P.416- S.Leopoldo-RS	Unisinos
Rolf Schükneemann	C.P.14- S.Leopoldo-RS	Fac.Teol.
Tarcísio Zimmermann	Sarmento Leite,1053-P.Alegre(CEUPA)	Sociologia
Hilário Barbian	C.P.158-Ijuí-RS	Est.Soc.
Flávio Luiz dos A.Silva	Sarmento Leite,1053-P.Alegre(CEUPA)	Adm.EMP.
Mozart Schmitt deQueiroz	Sarmento Leite,1053-P.Alegre(CEUPA)	Eng.Quím.
Ivan Tadeu dos A.Silva	" " " " "	Matemática
Lauro Roberto A.Silva	" " " " "	Eng.Mec.
Felício L. Fritsch	C.P.416-S.Leopoldo-RS	Fil.-Hist.
Nelson Secchi	Alberto Bins,1026-P.Alegre-RS	OPAN
Olavo Nienow	C.P.14- S.Leopoldo-RS	Fac.Teol.
Dulci Matte	do Comércio,545-Ijuí-RS	Prof ^a
Helena Vera Flor	C.P.94- Ten.Portela-RS	FUNAI
Beatriz Regina Ely	Luis Afonso,347-P.Alegre-RS	UFRGS(C.Soc)
Baldur van Kaick	C.P.14- S.Leopoldo-RS	Fac.Teol.
Ricardo Wangen	C.P.14- S.Leopoldo-RS	Fac.Teol.
Carlos Moreira Neto	Mata Machado,127-Maracanã-RioJan.	Museu Índio
Ítala I.Basile Becker	Lindolfo Collor,960-S.Leopoldo	Unisinos
Inácio Neutzling	C.P.416- S.Leopoldo-RS	Teologia
Engênio Wenzel	C.P.416- "	Unisinos
Danilo Lazzarotto	C.P.201-98700-Ijuí-RS	FIDENE
Angelo Brancalioni	C.P.416- S.Leopoldo-RS	Unisinos
Erhard Gerstenberger	C.P.14- "	Fac.Teol.
Alcindo Nascimento	P.I.Nonoai- Nonoai-RS (cacique)	Nonoai
Angelo	P.I.Nonoai- Nonoai-RS (major)	Nonoai
Klaus van der Grijp	C.P.14- S.Leopoldo-RS	Fac.Teol.
Roberto Zwetsch	" "	"
Lori Altmann	" "	"
Armino Schmechel	" "	"
Dornali Purper	" "	Cien.Soc.
Lourivaldo Veloso	P.I.Guarita-Ten.Portela-RS	FUNAI
Lourivaldo Abich	C.P.94- Ten.Portela-RS	Missão

~~CONFIDENCIAL~~

Exmo. Sr.
General do Exército
Ernsto Geisel
DD. Presidente da República
Palácio do Planalto
Brasília, DF

Guarita (RS), 2 de maio de 1976.

Digníssimo Sr. Presidente da República:

A partir de um Encontro realizado em 1º e 2 do corrente mês, na Missão Indígena da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), na Reserva Indígena de Guarita, com o fim de pensar a ação missionária com perspectivas antropológicas, os participantes do Encontro - alguns índios, professores e estudantes da Faculdade de Teologia da IECLB (São Leopoldo, RS), professores e estudantes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo, RS), professor e estudantes da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Nordeste do Estado (FIDENE-Ijuí, RS), estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-Porto Alegre, RS), antropólogo do Museu do Índio no Rio de Janeiro, ligado à FUNAI - tornaram contato com a problemática que aflige a comunidades indígenas do sul do Brasil, especificamente Kaingang e Guaraní, acharam por bem prestar o seu apoio e veicular o documento em que se constitui a carta anexa, expressa por dois índios do Posto Indígena de Noncaí (RS) Cacique Alcindo Nascimento e "Major" Angelo Garcia.

Estes, numa retomada de esperança, dirigem-lhe o manifesto anexo, um documento que sintetiza as conseqüências de um processo de aviltamento material, cultural e espiritual.

Creemos nos seus anseios de ver no Brasil um país de justiça, e que esta seja primordialmente erigida em favor dos que nos precederam nesta terra.

Firmamos o desejo em ver resolvidas de modo justo e imediato as reivindicações dos índios expressas em sua carta.

Com esperança,

Obs. Esta carta foi assinada por todos os participantes do Encontro, com exceção de: H. Guttinger, Selia Ferrreira, Carlos Moreira, Lourivaldo Veloso, Ítala Becker.

Pro Presidente do Brasil
nosso pai véio geral

Nóis já fomo co presidente da FUNAI. Ele disse que tinha boa vontade. Existia muitos que trabalhavam contra o índio. Peço pro Presidente da República que tenha dó de nós. Que ajude o presidente da FUNAI. O índio é em primeiro lugar no Brasil. Fico muito sentido, co essa situação. Se estivesse um aperto neste país com problema de terra daí seria outro caso. Os xavante falaram. Porto Alegre era terra de índio. Eroxim também. Xanxerê, Xaxim também. O que é do índio é do índio. Já demo muitas terra a essa gente. Os xavante também prometeram nós ajudá. Se não toma medida imediata que vida será esses inocente. Os intruso sempre vai entrando mais, tem projeto de acabá com toáo o mato, roba madeira de lei, pinheiro, loro, cedro, grápia até as casa dos índio estão sendo ocupada pela gente branca, por exemplo o índio vai fazer compra com a família, quando volta tem gente lá, tira a bagage do índio prá fora e se coloca na casa do índio. Já cinco volte mataro índio e ninguém sabe quem é, cortaro a perna de um coa foíce na casa do índio mesmo que enfrento o intruso que queria tomá conta da casa dele. Tem mais de setecentos índio já fora da área. Estão morando de tres família numa casa porque não tem mais lugar onde morá e trabalhá. Os intruso alega que são mandado pelo prefeito, pelos comissio de vereadô e na justiça o prefeito diz que não falô, que deu ordem prá respeitá os índio e não prá entrá. As política pra judica prá tirá estas gente. São que nem o gato, que dá o tapa e esconde a unha. Até nós reservemo uma reserva de mato prá nós entre Bananeira e Pinhalsinho em Noncai e os intruso derrubaro o mato esse ano. Então nós prá todos os índios do país pedimo pro senhor como nosso pai maior ajudá o presidente da FUNAI, que diz tenho boa vontade de resorvé o problema de voces, da vossa terra.

Guarita, RS 2 de maio de 1973

Cacique Alcindo Nascimento
Major Angelo Garcia

Nos dias 1º e 2 de maio de 1976 reuniram-se na Missão Indígena de Guarita (RS), da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), a fim de pensar a ação missionária com perspectivas antropológicas, alguns índios, professores e estudantes da Faculdade de Teologia da IECLB (São Leopoldo-RS), professores e estudantes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, São Leopoldo-RS), professor e estudantes da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE, Ijuí-RS), estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre-RS), antropólogo do Museu do Índio (FUNAI, Rio de Janeiro-RJ). Do referido encontro resultou o relatório que transcrevemos abaixo.

RELATÓRIO DO IIº ENCONTRO DE GUARITA - 1-2 de maio de 1976

Transcorrido no último 19 de abril o Dia do Índio, notou-se mais uma vez, ao menos por um dia, a presença estranha e desconhecida dessa figura folclórica e um tanto exótica da sociedade brasileira.

Os indígenas desse país já desde a aportagem dos colonizadores europeus foram considerados estranhos e "gentios". Os colonizadores julgaram seu dever e direito "civilizar" e "cristianizar" os indígenas. Isto se realizou através da desorganização extensiva e sistemática dos grupos indígenas, da exploração pelo trabalho forçado e até do extermínio belicoso por parte do sistema colonizador. A despeito de disfarçadas tentativas ao longo da história, e mais recentemente, de promoção dos indígenas, tais empreendimentos, na prática, se mostraram inócuos, aguçando a situação de opressão e miséria à qual ficaram relegados. Evidencia-se assim que desde a conquista a história se repete. A dominação-sujeição ainda hoje persiste, de modo algum atenuada.

A dependência

A sociedade brasileira nunca existiu para si. Atrélada pela "descoberta" a uma metrópole mercantil, sua função foi a de criar produtos para o mercado externo. No período colonial a função do Brasil foi a de produzir açúcar e ouro para Portugal; no Brasil imperial e Primeira República produzir café para o mercado externo. Atualmente pagar royalties e know-how e fornecer matérias primas baratas para as empresas multinacionais.

Nesse contexto de dependência se estabeleceram relações interpessoais desequilibradas a tal ponto que a pessoa foi e é considerada enquanto interessa ao sistema de produção e consumo. Quem não se enquadra nesse sistema automaticamente fica marginalizado. Constatamos atualmente que este processo se acelera com a introdução da máquina

e conseqüente automação em todos os setores da vida.

Retrospecto

Ao longo da história o índio brasileiro sempre foi marginalizado, um ente à parte da vida nacional. De início procurou-se atrelá-lo ao sistema de produção mercantil como escravo das fazendas. Não se sujeitando a esta situação, ele foi simplesmente hostilizado, perseguido, e não raras vezes chegando à exterminação ativa. Um resto, entretanto, permaneceu como um atestado das grandes injúrias praticadas, refugiando-se em regiões menos acessíveis no interior do país. Mesmo aí o avanço da expansão territorial ("integração nacional") continua o acoçando por todos os lados.

Os órgãos públicos e as missões religiosas se prestaram como instrumentos dessa relação de dominação-sujeição das comunidades indígenas. Seus objetivos, embora "nobres", como a proteção e a ação em prol do desenvolvimento autônomo dessas comunidades, não se realizaram, nem no passado nem no presente.

A religião comumente foi usada como amortecedora das consciências dos colonizadores e como instrumento de "pacificação" e "domesticação" dos "silvícolas". O sistema de catequização consistia na imposição de crenças e valores contrários à cultura e expressão religiosa indígenas.

As políticas oficiais em relação aos indígenas, de um modo geral, sempre se caracterizaram por um excessivo utilitarismo pragmático, onde os indígenas são vistos mais enquanto fatores de rendimento, do que como pessoas humanas com características e história próprias. Tendência esta reforçada pela ambigüidade programática do órgão encarregado de traçar a política indigenista. A Fundação Nacional do Índio (FUNAI), como órgão criado pelo governo brasileiro para defender o índio dos interesses espoliativos do sistema econômico, é por sua vez marginalizada dentro do próprio sistema, não tendo a suficiente autonomia no desempenho de suas funções.

Encontro branco-índio

Paralelamente à situação indígena e pelos mesmos motivos, marginalizou-se um enorme contingente da "civilização", calculado hoje em mais de 50 milhões de pessoas. Este contingente foi transformado, sem ter consciência disso, em ponta de lança dos interesses econômicos vigentes na ocupação do restante das terras indígenas, das quais aliás os próprios indígenas se consideram, e de fato são, "os herdeiros".

Pela presença deste branco, tentando impor sua cultura, e roubando-lhes as terras, desencadearam-se processos de afastamento do índio daquilo que era seu, determinando a desintegração de sua estru-

tura social e política.

Esta imposição teve como consequência o surgimento de uma cultura indígena totalmente descaracterizada de seus moldes tradicionais sem conseguir, por outro lado, integrar-se nos moldes ocidentais.

Assim, a partir dos contatos interétnicos, a unidade indígena não tem condições de preservar-se devido a quebra de valores. Temos, então, um grupo alienado de sua própria cultura de origem e marginalizado da nossa sociedade capitalista, que valoriza o indivíduo pelo que ele produz. Desse contato adveio uma série de doenças desconhecidas para os índios, o que os fez abandonar seus métodos "rudimentares", mas próprios e eficazes em seu ambiente, de cura substituindo-os por medicamentos da sociedade envolvente, levando-os praticamente à dizimação de suas povoações.

Alternativas

É tarefa urgente, portanto, reconhecer o aviltamento ao qual foram, e ainda são, submetidas as tribos indígenas por parte da sociedade nacional em nosso país. Fatos como a ausência de uma história enfocada pelo prisma do índio e não do colonizador, a total irresponsabilidade daqueles que, sem o menor escrúpulo, tomam as terras originalmente pertencentes às comunidades indígenas, a quebra das relações econômicas e sociais no interior dessas comunidades, caracterizam uma relação permanente e arbitrária frente a estes povos. Tal reconhecimento há de se manifestar na busca de ações concretas que ofereçam alternativas com viabilidade histórica e prática para esses grupos indígenas restantes.